

Marcelo Moraes acredita que o mercado do turismo irá se reerguer em 2021, mas seguindo novas regras



Em meio à pandemia, Ano Novo chega exigindo empenho e criatividade, segundo Marcelo Moraes, um dos mais respeitados empresários do ramo na Zona Oeste, para reerguer o setor. P.2

DESAFIOS NO TURISMO PARA 2021

Zona Oeste

‘Será preciso garantir a segurança de todos com máscaras, álcool em gel e distanciamento’, diz Marcelo Moraes

Empresário do setor turístico fala sobre a retomada dos eventos, muito afetados com a pandemia

● O ano de 2020 se mostrou um grande desafio para quem trabalha com turismo e entretenimento. Hotéis e casas de shows passaram boa parte do ano fechados em função do alto índice de contaminação do coronavírus, o que fez com que o setor estagnasse e muitas pessoas perdessem o emprego. Pensando numa retomada, o empresário Marcelo Moraes fala sobre como organizar os próximos eventos em 2021, levando em consideração os todos os cuidados que ainda serão necessários até fim da pandemia. “O turismo movimenta a cadeia produtiva de uma cidade, pois ele vai desde a hospedagem, passando pelo transporte, alimentação e comércio. Turismo gera emprego, e isso é importante, principalmente no Brasil, onde o índice de desemprego aumentou muito. Sem falar que também melhora a qualidade de vida e é o novo petróleo”, frisa o empresário, considerado um dos maiores do ramo na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

■ **Você é promotor de eventos, setor muito afetado nessa pandemia. Alguns eventos, como os corporativos, já podem ser realizados no Rio de Janeiro. Qual é a sua visão e perspectiva do futuro desse mercado na cidade/país?**

● Num primeiro momento, acredito em eventos híbridos (presencial e virtual). Será preciso garantir a segurança de todos com máscaras, álcool em gel e distanciamento, o mesmo vale para coffee breaks, almoços ou jantares, a preferência para estes serviços são o formato



Marcelo Moraes é empresário do ramo do entretenimento e turismo

lunch box. Quanto aos eventos sociais, festas, etc., não vejo, por enquanto, uma saída, pois o vírus ainda circula entre nós e o poder de transmissão é grande. Acredito que o ideal seria liberar somente após a vacina estar

disponível ou termos uma epidemia.

■ **Acredita que esse formato de evento vai continuar pós-pandemia?**

● Acredito que este é um

caminho sem volta. Só foi antecipado com a pandemia. Basta uma conta rápida para ver que a redução de custos e despesas será significativa. Só gostaria de frisar que nada substitui o contato humano, por isso, não acredito

JAN SEN PHOTOGRAFIA

em eventos 100% online, acredito nas plataformas híbridas, que mesclam o presencial e o virtual.

■ **Quais são as diferenças em contratar algum serviço online e um serviço presencial?**

● As reuniões, antes presenciais, se tornaram online por alguma ferramenta (zoom, Skype, etc...). Porém, mesmo que contratemos serviços de transmissões online, a visita técnica ainda é necessária para, pelo menos, termos a certeza de que o local existe. A presencial tem a questão de que transmite mais força, lealdade, segurança, etc... A online já tem uma questão mais “fria” e ainda são poucas empresas com forte reputação, o que traz insegurança.

■ **Apesar da reabertura de diversos setores, a forma como viajamos com certeza irá mudar. Como o setor hoteleiro, restaurantes, mercado local vão se recuperar?**

● Este ano infelizmente gerou um prejuízo irreparável para todos os setores, porém, alguns deles se reinventaram, entrando forte no delivery, como bares e restaurantes. O turismo afeta no mínimo 50 outros setores como alimentação, hospedagem, aluguel etc. Quanto à rede hoteleira, infelizmente, é um setor que levará mais tempo, não só pela pandemia em si, mas também pela fraca gestão exercida. Diversos hotéis que foram abertos para as Olimpíadas, por exemplo, já apresentavam baixa ocupação e muitos

fecharam na pandemia e não mais reabrirão. Não obstante, os mercados locais sofreram muito e tivemos mais de 30% de contratos encerrados e pontos fechados, além de uma inadimplência recorde.

■ **Então como será essa recuperação?**

● Será de forma lenta, mas acredito que o melhor a se fazer é investir no mercado interno, inclusive quando da retomada, até os trabalhadores terem essa prioridade, vide a taxa de desemprego. Acredito que 2021 terá um crescimento do que chamo de staycation, turismo de escapada que levam pessoas a lugares próximos dentro do país. Os destinos mais procurados são os que ficam perto de centros urbanos. Basta ver os locais mais procurados durante a pandemia: Campos do Jordão, Ilhabela, Penedo, Porto de Galinhas. O grande negócio será o turismo doméstico e aluguel de hospedagem, que darão os melhores dividendos.

■ **Você também é o produtor do ‘Brazilian Day Newark’, em Nova Jersey, nos EUA, que surgiu há dois anos. O que planeja para 2021? Terá o evento?**

● Este é um evento local, que em 2019 atraiu mais de 1 milhão de pessoas em dois dias. Os Estados Unidos estão mais adiantados que o Brasil e como o evento será em setembro, acredito que 90% da população local esteja vacinada. As conversas com o prefeito local estão mantidas e acreditamos que possamos dar alegria a brasileiros e americanos na região.

Quando a união faz a força solidária na Vila Kennedy

Distribuição de cestas básicas fecha um ano marcado pelas dificuldades, ampliadas pela pandemia, entre os moradores da comunidade

Desde o início da pandemia, trabalhadores informais passam por várias dificuldades financeiras. Muitos não conseguiram nem sequer o auxílio emergencial e tiveram que recorrer a meios alternativos para se sustentar durante a crise. Cientes nisso, moradores da Vila Kennedy se reuniram para ajudar aos que mais precisavam e fizeram da solidariedade uma arma eficaz contra a fome e suas mazelas.

Logo no início da pandemia, a Associação de Moradores da Vila Kennedy (AMOVIK), se mobilizou para conseguir alimentos, produtos de higiene pessoal para as famílias que mais necessitavam. A iniciativa, nomeada de ‘Gabinete de Crise’, chegou a distribuir 100 cestas básicas para os moradores da região. Infelizmente, depois de nove meses de Co-

vid-19, as doações diminuíram e a iniciativa passou a ser feita de forma “isolada”, ajudando apenas as famílias que apresentam maior vulnerabilidade de renda.

Com a chegada das festas de fim de ano, a AMOVIK, juntamente com o Instituto Angeluz, em um trabalho conjunto, voltou a arrecadar alimentos para distribuição de cestas de Natal, visando pessoas com maior necessidade. “O Natal da Solidariedade teve distribuição de água, brinquedos e cestas básicas para 100 famílias vulneráveis de Vila Kennedy”, celebra o presidente da Associação de Moradores, Andrey Araujo.

Ainda houve distribuição de sabão em barra e doação de cloro para os moradores da comunidade, já que um dos focos do extinto ‘Gabinete de Crise’, era a conscientização da higiene pessoal e

dos ambientes onde as famílias moram, diminuindo a chance de contágio do novo coronavírus. Também houve distribuição de legumes, para ajudar a manter boa qualidade da alimentação, e álcool em gel, para a manutenção do cuidado das pessoas da região em um momento em que a taxa de transmissão do Covid volta a subir e a preocupar a população.

Mas a doação de mantimentos ainda é a maior saída para minimizar os problemas de toda a comunidade, que ainda fez um evento de Natal para as crianças. As doações foram feitas pela Casa Rosa e Casa Azul, lojas da área. Foram 150 brinquedos distribuídos para os pequenos moradores de Vila Kennedy. As necessidades, porém, não cessaram e, após a virada de ano, a solidariedade ainda precisa estar presente.



Moradores recebem água e álcool em gel

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES VILA KENNEDY